

O GRANDE ACONTECIMENTO: A MORTE DO DEUS- MORAL

Hedy Carlos Santos de Pina^{1*}

RESUMO: O presente artigo objetiva apresentar e discutir o problema do conceito nietzschiano “Deus está morto” a partir de duas leituras: uma em sentido histórico do acontecimento, a partir de alguns aforismos selecionados da obra *A gaia ciência* e outra, no sentido metafórico, partindo dos textos de *Assim falou Zaratustra*. Com esse duplo viés, esperamos não só trazer à tona a polêmica sobre a existência ou não de Deus, mas apontar para as inúmeras perspectivas de interpretação da realidade que surgem após o descrédito em uma visão de mundo que se estabeleceu por milênios como a única e absoluta forma de entender a existência. Um exame mais pormenorizado e aprofundado acerca do significado da “morte de Deus” de certo demandaria uma quantidade maior e diversificada de pesquisas, incluindo não unicamente as obras publicadas pelo filósofo, mas também um amplo material publicado postumamente. Sob esse ângulo, o presente texto deve ser entendido como uma indicação para futuras pesquisas.

PALAVRAS-CHAVE: Moral, Deus, Transvaloração, Auto-superação.

THE GREAT EVENT: THE DEATH OF THE MORAL GOD

ABSTRACT: This article aims to present and discuss the problem of the Nietzschean concept “God is dead” from two readings: one in the historical sense of the event, from some selected aphorisms from the work *The gay Science* and another, in the metaphorical sense, starting from the texts of *Thus spoke Zarathustra*. With this double bias, we hope not only to bring up the controversy about the existence or not of God, but to point to the innumerable perspectives of interpretation of reality that arise after the discredit in a worldview that was established for millennia as the only and

¹Hedy Carlos Santos de Pina é mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

absolute way of understanding existence. A more detailed and in-depth examination of the meaning of the “death of God” would certainly demand a greater and more diversified amount of research, including not only the works published by the philosopher, but also the wide material published posthumously. From this angle, the present text should be understood as an indication for future research.

KEYWORDS: Moral, God, Revaluation of values, Self-overcoming.

A expressão “Deus está morto” é uma constatação que Nietzsche faz ao tomar a sociedade moderna como objeto de crítica. Uma sociedade que tem por fundamento o saber técnico e científico. Um conhecimento do mundo que busca dar respostas práticas aos acontecimentos e preza a eficiência na obtenção de resultados precisos sobre os fenômenos naturais. Esse tipo de saber pragmático ignora as questões mais “fundamentais” da metafísica e toma as teológicas como ingênuas e pueris. No entanto, alguns conceitos metafísicos e teológicos como “causa”, “espírito”, “alma”, “Eu”, “sujeito”, “consciência” (*Gewissen*), “razão”, “verdade”, “coisa em si” (*Ding an sich*) continuam fazendo parte do discurso do homem moderno.

Nietzsche, no seu filosofar baseado na própria experiência e no diálogo com as descobertas científicas do seu tempo, faz uso dos termos adotados das ciências naturais, da física e da psicologia, como “impulso” (*Trieb*), “força”, “afeto” (*Affekt*), “vontade”, “corpo”, sem abandonar completamente os termos anteriores, mas os dá um outro sentido². Contudo, o filósofo alemão não restringe seu filosofar a um discurso racional que busca a verdade a todo custo, uma vontade de verdade (*Wille zur Wahrheit*) que se encontrava também entre os cientistas e pensadores da sua época. Nietzsche cria pra si um novo estilo, como um artista que se refugia na sua obra para interpretar o mundo. Assim nasce o seu *Zarathustra*, que a partir de uma linguagem poética, marcada por sinais, simbologias, metáforas, enigmas, nos fala desse grande acontecimento: a inutilidade da moral num mundo do progresso científico.

Assim começa a tragédia: Depois de ter gozado do seu espírito e de sua solidão, Zarathustra certa manhã levantou com um coração transfigurado (Za/ZA, “Prólogo” §1, 11) e decidiu iluminar como o sol aqueles que vivem nas sombras. Havia nascido nele o desejo e a necessidade de

² O próprio filósofo usa termos como “sujeito”, “eu”, “indivíduo”, mas somente “como símbolos para o que escapa à denominação. E ele os rejeita, tão logo são pensados como conceitos”. (MÜLLER -LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. p. 55.). Um dos termos que ganha um sentido deferente é a “alma mortal”, “alma como pluralidade de sujeito” e “alma como estrutura social dos impulsos e afetos” [*Seele als Gesellschaftsbau der Triebe und Affekte*] (JGB/BM-I §12, 19).

esvaziar o copo querendo enchê-lo novamente. Iluminado, o solitário, cansado da sua própria solidão, declina em direção aos homens carregando na algibeira da sua transbordante sabedoria acumulada um presente para os homens. Descendo para a cidade, no bosque, encontra um eremita que testemunhara antes a sua subida e agora testemunha sua descida e percebe uma grande mudança em Zaratustra:

Não me é estranho esse andarilho: por aqui passou há muitos anos. Chamava Zaratustra; mas está mudado.

Naquele tempo levavas tuas cinzas para os montes: queres agora levar teu fogo para os vales? Não temes o castigo dos incendiários?

Sim, reconheço Zaratustra. Puro é seu olhar, e sua boca não esconde nenhum nojo. Não caminha ele como um dançarino?

Mudado está Zaratustra; tornou-se uma criança Zaratustra, um desperto é Zaratustra: que queres agora entre os que dormem? (Za/ZA-I §1, 11).

Zaratustra caminhava agora dançante como uma criança, carregando a luz do fogo para o abismo escuro da multidão³. Depois de um pequeno diálogo entre Zaratustra, o “desperto” e o “santo” do bosque aparece pela primeira vez no *Zaratustra* a noção da morte de Deus.

O tema “Deus está morto” já se encontra na obra *A gaia ciência* no parágrafo de título “O homem louco” que diz:

Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? – E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? Perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? Disse um outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? – gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para frente, em todas as direções? Existem ainda ‘em cima’ e ‘embaixo’? Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que acender lanternas de manhã? Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará esse sangue? Com que água poderíamos nos lavar? Que ritos expiatórios, que jogos

³ Roberto Machado compreende a simbologia luz e sombra como referência ao antigo conceito nietzschiano: o apolíneo. Segundo o comentador “o declínio de Zaratustra nesse início é sua descida ao infero mundo das sombras para iluminá-lo. Por sua sabedoria apolínea, Zaratustra permanece fiel ao tema da oposição e da luta entre o dia e a noite, entre a luz e a sombra” (MACHADO, R. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. p. 43).

sagrados teremos de inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele? Nunca houve ato maior – e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda a história até então!” Nesse momento silenciou o homem louco, e novamente olhou para seus ouvintes: também eles ficaram em silêncio, olhando espantados para ele. “Eu venho cedo demais”, disse então, “não é ainda meu tempo. Esse acontecimento enorme está a caminho, ainda anda: não chegou ainda aos ouvidos dos homens. O corisco e o trovão precisam de tempo, a luz das estrelas precisa de tempo, os atos, mesmo depois de feitos, precisam de tempo para serem vistos e ouvidos. Esse ato ainda lhes é mais distante que a mais longínqua constelação – e no entanto eles cometeram! – Conta-se também que no mesmo dia o homem louco irrompeu em várias igrejas, e em cada uma entoou o seu Réquiem *aeternaum deo*. Levado para fora e interrogado, limitava-se a responder: “O que são ainda essas igrejas, se não os mausoléus e túmulos de Deus? (FW/GC §125, 137).

O homem louco que sai a procura de Deus não provoca na multidão nenhum escândalo ou irritação. A sua afirmação “Deus está morto” não abala a fé dos que se encontram no mercado, mas pelo contrário, causa neles um grande riso. Não se trata, portanto, aqui de uma polêmica em relação à existência de Deus, dado que, àqueles para o qual o homem louco se dirige não possuem mais essa crença. Ele os acusa e acusa a si mesmo do assassinato de Deus, um ato de grandeza, que, no entanto, não possui um autor digno dele.

A expressão reaparece em *Zaratustra* logo após o diálogo do personagem com o eremita no bosque. Zaratustra é o sem-deus⁴ que se dirige aos homens e o santo aquele que se afasta dos homens para estar com Deus. O velho eremita questiona a Zaratustra: “que queres agora entre os que dormem?” e ele responde: “Eu amo os homens”. Acontece que o santo havia se refugiado na floresta justamente fugindo do amor aos homens que poderia matá-lo⁵. Porém, enquanto que o amor do eremita aos homens se expressa no “amor ao próximo”, o de Zaratustra se exprime na superação da compaixão.⁶ O eremita já não mais amava o homem por ser uma coisa demasiado imperfeita, mas a Deus, algo para Zaratustra que não mais fazia nenhum sentido. Admirado como a ignorância do santo em relação à morte de Deus, Zaratustra segue sozinho rumo à cidade.

A exclamação “Deus está morto” será retomada no livro II no capítulo intitulado “Dos compassivos” onde diz:

⁴ “E, quando eu grito: ‘Maldizei todos os covardes demônios em vós, que gostam de choramingar, juntar as mãos e rezar’, então eles gritam: ‘Zaratustra é sem-deus’. E especialmente seus mestres da resignação gritam isso –; mas justamente a esses eu amo gritar no ouvido: ‘Sim, sou Zaratustra, o sem-deus!’. Esses mestres da resignação! Onde quer que seja pequeno, doentio e sarnento eles se enfiam, como piolhos; e apenas meu nojo me impede de esmagá-los. Muito bem! Eis a minha prédica para os seus ouvidos: eu sou Zaratustra, o sem-deus, que diz ‘quem é mais sem-deus do que eu, para desfrutar do seu ensinamento?’ (Za/ZA-III §3, 162-163).

⁵ “Por que” disse o santo “fui para o ermo e a floresta? Não seria por amar demais os homens? Agora amo a Deus: os homens já não amo. O homem é, para mim, uma coisa demasiado imperfeita. O amor aos homens me mataria.” (Za/ZA-I §2, 12).

⁶ É interessante notar que, para Nietzsche, a ideia de compaixão pertence à esfera da moral dos ressentidos e não a moral do homem nobre. Nesse caso ela serviria como um obstáculo ao super-homem: “Podemos entender que Nietzsche vê na compaixão uma grande objeção à superação do homem, um grande objeção à nobreza. A atitude compassiva seria a estratégia de poder do fraco que não tem outra forma de exercer sua força senão socorrendo miseráveis.” (MACEDO, Iracema. *Zaratustra, compaixão e amor fati*. p. 87).

Ai de todos os que amam e que não atingiram uma altura acima da compaixão!
Assim me falou certa vez o Demônio: "Também Deus tem seu inferno: é seu amor aos homens".
E recentemente o ouvi dizendo isto: "Deus está morto; morreu de sua compaixão pelos homens." (Za/ZA-II, 84).

Ali a causa apontada da morte é o seu amor aos homens. Os homens ocidentais da casta sacerdotal a partir da moral da compaixão, do amor ao próximo, inverteram a imagem do antigo Deus do oriente. O cristianismo com seu lema "Deus na cruz" transformou o Deus vingativo e duro em um ser compassivo capaz de se sacrificar pela humanidade. No livro IV no capítulo "Aposentado", pela boca do personagem velho papa aparece essa inversão:

Quem o exalta como o deus do amor não tem o amor em alta conta. Não pretendia também ser juiz esse deus? Mas quem ama, ama acima do prêmio e do castigo.
Quando ele era jovem, esse deus de oriente, era duro e vingativo, e construiu um inferno para o gozo de seus favoritos.
Afinal, porém, tornou-se velho, brando, mole e compassivo, mais semelhante a um avô do que um pai, e ainda mais semelhante a uma vovó trôpega.
Ficava sentado, murcho, em seu canto da estufa, afligindo-se com a fraqueza das pernas, cansado do mundo, de vontade cansada, e um dia asfixiou-se com a compaixão demasiada (Za/ZA-IV, 247).

Os valores morais e religiosos propagados pelo cristianismo representam para Nietzsche uma transvaloração e degeneração dos antigos valores que se baseavam na afirmação da vida. Ao invés de potencializar a vontade ascendente, a moral cristã prega a renúncia de si e a aniquilação de todo impulso vital.⁷ Ela exalta, segundo o autor de *Zarathustra*, como virtude tudo que é fraco, doente, covarde e condena os instintos mais fortes que ataca, domina, destrói. Esses afetos passam a ser visto pelo homem moral como inferiores, animalesco e nocivo à convivência. A partir dessa perspectiva se torna vergonhosa a própria natureza e se passa a vê-la como feia e má. Tido como monstro, ela foi relegada às profundezas e encoberta com as maquiagens da moral: a polidez e a etiqueta. Travou-se assim uma luta milenar contra a própria vida, contra a Terra em nome dos valores superiores.

A incapacidade de alguns homens de manter a besta interior encarcerada⁸ os obriga a se afastar das relações sociais e evitar qualquer olhar externo que censura ou que se apieda. Dessas testemunhas inconvenientes se faz necessário livrar-se. Assim em *Zarathustra* aparece no livro IV no

⁷ Nietzsche vê a moral cristã baseada no imperativo altruísta "ama teu próximo" em oposição ao princípio egoísta "ame a si mesmo" como a moral de decadência: "(...) a moral de renúncia de si é a moral de declínio *par excellence*, o fato 'eu pereço' traduzido no imperativo: 'todos *devem* perecer' – e *não só* no imperativo... Essa única moral que até hoje foi ensinada, a moral da renúncia de si, trai uma vontade de fim, *nega* em seus fundamentos a vida." (EH/EH-XIV §7, 108).

⁸ "...o animal de rapina, a magnífica besta loura que vagueia ávida de espólios e vitórias; de quando em quando este cerne oculto necessita desafogo, o animal tem que sair fora, tem que voltar a selva". GM/GM-I §11, 32.

capítulo “O mais feio dos homens” a vingança contra o testemunho. Lá confessa o assassino do Deus que tudo vê:

Mas ele – tinha que morrer: ele via com olhos que tudo viam – ele via os fundamentos e profundezas do homem, toda a sua escondida ignomínia e feiura.

Mas sua compaixão não conhecia pudor: ele se insinuava em meus mais sujos recantos. Esse curioso entre os curiosos, esse superimportuno e supercompassivo tinha que morrer.

Ele sempre me via: de uma testemunha assim eu desejava me vingar – ou não mais viver.

O Deus que tudo via, também o homem: esse Deus tinha que morrer! O homem não suporta que viva uma testemunha assim (Za/ZA-IV, 252-253).

Parece que, mesmo após este ato grandioso que garante à posteridade uma história mais elevada, os seus autores permanecem passivos e alheios à riqueza de perspectiva que a morte de Deus traz. Tanto os espectadores abordados pelo homem louco no escrito *A gaia ciência*, quanto o mais feio dos homens no *Zarathustra* não se dão conta de que seus atos abrem caminhos para a possibilidade da criação de novos valores.

No primeiro aforismo, 343, do livro V: “Nós, os impávidos”, Nietzsche escreve sobre a morte de Deus como:

O maior acontecimento recente – o fato de que “Deus está morto”, de que a crença no Deus cristão perdeu o crédito – já começa a lançar suas primeiras sombras sobre a Europa. Ao menos para aqueles poucos cujo olhar, cuja suspeita no olhar é forte e refinada o bastante para esse espetáculo, algum sol parece ter se posto, alguma velha e profunda confiança parece ter se transformado em dúvida: para eles o nosso velho mundo deve parecer cada dia mais crepuscular, mais desconfiado, mais estranho, “mais velho”. Mas pode-se dizer, no essencial, que o evento mesmo é demasiado grande, distante e a margem da compreensão da maioria, para que se possa imaginar que a notícia dele tenha sequer chegado; e menos ainda que muitos soubessem já o que realmente sucedeu – e tudo quanto irá desmoronar, agora que esta crença foi minada, porque estava sobre ela construído, nela apoiado, nela arraigado: toda a nossa moral europeia, por exemplo. [...]

E pós esse evento as suas consequências são:

Talvez soframos demais as primeiras consequências desse evento – e estas, as suas consequências para nós, não são, ao contrário do que talvez se esperasse, de modo algum tristes e sombrias, mas sim algo difícil de descrever, uma nova espécie de luz, de felicidade, alívio, contentamento, encorajamento, aurora... De fato, nós, filósofos e “espíritos livres”, ante a notícia de que “o velho Deus morreu” nos sentimos como iluminados por uma nova aurora; nosso coração transborda de gratidão, espanto, pressentimento, expectativa – enfim o horizonte nos aparece novamente livre, embora não esteja limpo, enfim os nossos barcos podem novamente zarpar ao encontro de todo perigo, novamente é permitida toda a ousadia de quem busca o conhecimento, o mar, o nosso mar, está novamente aberto, e provavelmente nunca houve tanto “mar aberto.” (FW/GC §343, 207-208).

Após a morte de Deus, fundamento último da interpretação moral do mundo, sobraram apenas princípios morais como sombra desse “velho Deus”. O desaparecimento daquilo que dava o

sentido à existência e que garantia a ordenação do mundo, leva à desvalorização dos valores morais que ainda permanecem, segundo Nietzsche, como guias da conduta do homem europeu.

Na visão de Nietzsche, cabe agora aos filósofos e “espíritos livres” superar qualquer pressuposto metafísico ou religioso que estabelecem ainda um *telos* ordenador do mundo. Escreve Nietzsche no aforismo¹⁰⁸ intitulado “Novas lutas”, do livro III da *A gaia ciência* o seguinte:

Depois que Buda morreu, sua sombra ainda foi mostrada numa caverna durante séculos – uma sombra imensa e terrível. Deus está morto; mas, tal como são os homens, durante séculos ainda haverá cavernas em que sua sombra será mostrada. – Quanto a nós – nós teremos que vencer também a sua sombra! (FW/GC §108, 126).

Essa vitória certamente consiste na auto-superação da moral pela veracidade, na auto-superação do moralista em seu contrário, como afirma Nietzsche, posteriormente, na sua autobiografia ao referir o seu personagem Zarathustra.⁹ Essas “novas lutas” podem ser constatadas na sua obra *Assim falou Zarathustra* em que o personagem anuncia um novo horizonte, um novo tipo de homem que representa a superação do próprio homem.

A noção da morte de Deus, portanto, mais de que uma mera polêmica sobre a existência de Deus, ela é uma constatação da descrença em uma entidade transcendente, um criador que governa o mundo. As investigações científicas modernas e suas descobertas, as ciências naturais, a física e a biologia contribuíram para a desdivinização da natureza e consecutivamente despertaram a desconfiança em relação à todo dogmatismo religioso e metafísico. No entanto, parece a Nietzsche, que a maioria dos homens do seu tempo não percebeu a magnitude desse evento e vivem ainda submetidos aos valores morais. A maioria prefere esses ideais ascéticos que lhe oferecem um sentido, pois, qualquer sentido é melhor que nenhum (GM/GM-III §28, 149). Na *Genealogia da moral* Nietzsche dirá que “o homem preferirá ainda querer o nada a nada querer” (GM/GM-III §3, 104), na incapacidade de criar para si novos valores e um novo sentido.

⁹ “A autossuperação da moral pela veracidade, a autossuperação do moralista em seu contrário – *em mim* – isto significa em minha boca o nome Zarathustra.” (GM/GM-III §3, 104).

REFERÊNCIAS:

- NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia De Bolso, 2016.
- _____. **Além do bem e do mal**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. **Assim falou Zaratustra**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.
- _____. **Ecce homo**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.
- _____. **Genealogia da moral**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MACEDO, Iracema. Zaratustra, compaixão e amor *fati*. In: DIAS, Rosa; VANDERLEI, Sabrina; BARROS, Tiago (Orgs.). **Leituras de Zaratustra**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011. p. 83-96.
- MACHADO, Roberto. **Zaratustra**: tragédia Nietzscheana. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- MARTON, Scarlett. A morte de deus e a transvaloração dos valores. **Hypnoe**, São Paulo ano 4/ n. 5, p. 133-134, 2 sem. 1999.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **Nietzsche**: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia. Trad. Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.
- SCHMIDT, Rüdiger / SPRECKELSEN, Cord. Assim falava Zaratustra: uma chave de leitura. Trad. de Diego Kosbiau Trevisan. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.